

## ENTRELAÇANDO ATIVISMOS: MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS NA ARGENTINA, BRASIL E COLÔMBIA (1967-1983)

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo investiga a formação dos movimentos homossexuais na Argentina, no Brasil e na Colômbia entre as décadas de 1960 e 1980, a partir do escopo da História Global. Sustento que três eixos interdependentes moldaram trajetórias convergentes e divergentes: a matriz pericial jurídica derivada do higienismo, da modernização e de ideários de nacionalidade, que produziu gramáticas comuns de classificação e controle; as clivagens político-organizativas associadas ao desencanto com a esquerda e às oportunidades políticas nacionais, que reconfiguraram redes, alianças e estratégias; e a centralidade da crítica à família, mediada por alianças e tensões com os feminismos, na constituição de frames públicos, repertórios e coalizões. Por meio de fontes impressas militantes, documentação de movimentos e dispositivos legais e periciais, rastreio circuitos transnacionais de ideias, ativistas e publicações, distinguindo difusão de traduções locais. Mostro que esse processo global se constituiu dependente de instituições, moralidades públicas e temporalidades específicas: daí a coexistência de convergências e divergências. Concluo com uma explicação de alcance médio para variações intrarregionais, evidenciando como o controle médico-legal, as oportunidades políticas e disputas morais em torno da família se combinam para produzir caminhos compartilhados e desiguais.

**Palavras-chave:** Movimentos homossexuais; América Latina; Liberação homossexual.

## INTERWEAVING ACTIVISMS: HOMOSEXUAL MOVEMENTS IN ARGENTINA, BRAZIL, AND COLOMBIA (1967 – 1983)

**Abstract:** This article investigates the formation of homosexual movements in Argentina, Brazil, and Colombia between the 1960s and 1980s through the lens of Global History. I argue that three interdependent axes shaped both convergent and divergent trajectories: the medico-legal matrix derived from hygienism, modernization, and ideas of nationhood, which produced shared grammars of classification and control; the political-organizational cleavages associated with disenchantment with the left and country-specific political opportunities, which reconfigured networks, alliances, and strategies; and the centrality of the critique of the family, mediated by alliances and tensions with feminist movements, in constituting public frames, repertoires, and coalitions. Drawing on militant print sources, movement documentation, and legal and forensic devices, I trace transnational circuits of ideas, activists, and publications, distinguishing diffusion from local translations. I show that this global process took shape in dependence on specific institutions, public moralities, and temporalities, which explains the coexistence of convergence and divergence. I conclude with a medium-range explanation for intraregional variations, demonstrating how medico-legal control, political opportunities, and moral disputes around the family combine to produce both shared and unequal pathways.

**Keywords:** Homosexual movements; Latin America; Homosexual liberation.

<sup>1</sup> Docente da Escola de Direito da UNIALFA. Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7064523336036774>. Email: [rhanielly0884@gmail.com](mailto:rhanielly0884@gmail.com).

---

### A homossexualidade sob o prisma da História Global

Refletir sobre o processo de emergência dos ativismos homossexuais na América Latina é um desafio recente em nossa historiografia regional. São poucos os trabalhos que tematizam o tema, produzem sínteses ou constroem conexões entre diferentes contextos a partir de um enfoque transnacional. Na base de dados do projeto de história digital e história queer, o website História Transviada, coordenado por Ronald Canabarro<sup>2</sup>, observa-se ainda um interesse incipiente por dissertações e teses que, partindo de historiografias nacionais, se debrucem sobre contextos latino-americanos para além do Brasil.

Alguns trabalhos, como o de Carlos Figari<sup>3</sup>, o de Felipe Caro Romero e Patrício Simonetto<sup>4</sup>, a coletânea *Arco íris diferentes*, coordenada por Peter Drucker<sup>5</sup>, e *Cultura, política, sexualidade e gênero na América Latina*, organizada por Eliane Freitas, Rhanielly Pinto e Vinícius Zanolí<sup>6</sup>, representam passos importantes da historiografia regional em direção a análises que exploram recortes para além do enfoque estritamente nacional.

Nesse contexto, as chaves analíticas para abordar esse passado compartilhado encontram lugar privilegiado na História Global, abordagem teórico-metodológica e campo historiográfico ainda recentes no Brasil, que privilegiam a interdependência entre conexões, causalidade e comparação

---

<sup>2</sup> CANABARRO, Ronald. *Dar a ver uma historiografia pública digital*. 2024. 456 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2024.

<sup>3</sup> FIGARI, Carlos. *El movimiento LGBT en América Latina: institucionalizaciones oblicuas. Movilizaciones, protestas e identidades políticas en la Argentina del bicentenario*, Buenos Aires: Nueva Trilce p. 225-240, 2010.

<sup>4</sup> ROMERO, Felipe Cesar Camilo Caro; PATRICIO, Simonetto. *Sexualidades radicales: los movimientos de liberación homosexual en América Latina (1967-1989)*. Izquierdas, [s. l.], n. 46, p. 65-85, 2019.

<sup>5</sup> DRUCKER, Peter (ed.). *Arco iris diferentes*. Argentina: Siglo XXI, 2004.

<sup>6</sup> FREITAS, Eliane; PINTO, Rhanielly; ZANOLI, Vinícius. *Cultura, política, sexualidade e gênero na América Latina*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

de processos históricos constitutivos de relações globais<sup>7</sup>. Operar com essa perspectiva implica deslocar o foco do binômio entre “Grande Convergência” e “Grande Divergência”, frequentemente mobilizado tanto nos debates de História Global quanto nos estudos de gênero<sup>8</sup>. Em outras palavras, trata-se de evitar, de um lado, a suposição de uniformização resultante de sínteses excessivamente abrangentes e, de outro, o particularismo que reifica especificidades sem reconstruir os elos e traduções que as produzem.

Apoiado nos debates de Santos, Santos e da Silva<sup>9</sup> e Pinto<sup>10</sup>, utilizei, neste artigo, a História Global como chave de entrada para pensar processos de convergência, divergência e compartilhamento no interior dos movimentos homossexuais na Argentina, no Brasil e na Colômbia, situando-os em um processo mais amplo: a reconfiguração global, ao longo do século XX, da noção de homossexualidade masculina forjada por esses ativismos.

Ao oferecer um panorama desses três contextos, o artigo tensiona o olhar para eixos que considero fundamentais às condições de formação dos movimentos homossexuais na América Latina. Assim, ao longo do texto, interrogo não apenas questões primordiais em cada cenário nacional, mas

<sup>7</sup> CONRAD, Sebastian. *Historia global. Una nueva visión para el mundo actual*. Barcelona: Crítica-Planeta, 2017; SANTOS et al. Conservadorismo nas ditaduras: abordagens com história global para Brasil e Portugal (1964-1975). *História Social*, v. 19, n. 27/28, p. 580-614, 2024.; PINTO, Rhanielly. Retomando as utopias: quando a História Global encontra o queermarxismo. In: PINTO, Rhanielly; ALVES, Jorge (org.). *Anômalos: diálogos interseccionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 219-234.

<sup>8</sup> WIESNER-HANKS, Merry E. Crossing borders in transnational gender history. *Journal of Global History*, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 357-379, 2011.

<sup>9</sup> SANTOS, Allana Letticia; SANTOS, Henrique Cintra; DA SILVA, Janine Gomes. Conservadorismo nas ditaduras: abordagens com história global para Brasil e Portugal (1964-1975). *História Social*, [s. l.], v. 19, n. 27/28, p. 580-614, 2024.

<sup>10</sup> PINTO, Rhanielly. Retomando as utopias: quando a História Global encontra o queermarxismo. In: PINTO, Rhanielly; ALVES, Jorge (org.). *Anômalos: diálogos interseccionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 219-234; PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Ativismos ao sul: entrelaçando movimentos homossexuais na Argentina (1967-1976), Brasil (1978-1982) e Colômbia (1978-1982)*. 2025. 282 f. Tese (Doutorado em História Global). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

também dimensões estruturais do movimento em um prisma relacional que dialoga com escalas conectadas.

O primeiro eixo consiste em situar a formação desses movimentos como fruto de um processo mais amplo, marcado por transformações sociais, urbanização e ascensão de autoritarismos no século XX. Destaco como, até a década de 1970, as noções de “inversão sexual” e de homossexualidade como patologia regularam e produziram formas de controle social, especialmente por meio do higienismo e de medidas repressivas ancoradas em legislações anti-homossexuais.

O segundo eixo examina as condições de emergência desses movimentos, demarcando as especificidades de cada contexto no que tange às formas de organização, às críticas formuladas e às alianças constituídas. Não pretendo esgotar o debate sobre tais contextos; busco, antes, levantar pontos que nos permitem pensá-los de modo integrado, evidenciando tanto as aproximações quanto as diferenças que os atravessam.

### **Construindo a homossexualidade na América Latina**

A segunda metade do século XX foi marcada por inúmeras transformações. Na América Latina, essas mudanças se alicerçaram em um jogo de poderes conflitantes, resultado de um processo histórico mais amplo, estruturado no contexto da Guerra Fria (1947–1991), da modernização dos centros urbanos e da expansão do capitalismo global. A aproximação histórica dos Estados Unidos, por meio de sua política externa pautada na Doutrina de Segurança Nacional, abriu espaço para uma atuação continental de caráter anticomunista e intervencionista, afetando diretamente a soberania de diversos países.

Um exemplo desse processo pode ser observado nas ditaduras do Cone Sul. Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai passaram por regimes ditatoriais instaurados por golpes militares, amplamente discutidos pela

historiografia latino-americana<sup>11</sup>. Além disso, outra faceta da influência estadunidense manifesta-se na crescente dependência econômica, fomentada por acordos bilaterais em diversos setores das economias nacionais de países como México e Colômbia. Durante esse período, esses países estiveram alicerçados em um modelo que ampliava a presença de capital estrangeiro, baseado em uma política econômica voltada à exportação de insumos e produtos primários<sup>12</sup>.

Nesse mesmo contexto histórico, a urbanização e a concentração populacional nas grandes cidades abriram espaço para a ascensão, ainda que irregular, de espaços de sociabilidade e para uma experiência distinta de experimentação das sexualidades, bem como para uma maior flexibilização dos padrões normativos de gênero. Especificamente no que se refere ao debate em torno da homossexualidade, pode-se afirmar que, assim como ocorreu na América do Norte e na Europa, a partir das décadas de 1950 e 1960, houve um processo de “substituição” de identidades sexuais pré-existentes nessas sociedades para a ascensão de um novo modelo de compreensão, o dos invertidos, sendo mais tarde novamente substituídos por uma nova forma de significação do sujeito homossexual<sup>13</sup> e da homossexualidade<sup>14</sup>. Para compreendermos esse processo, é necessário, no entanto, definir o que se entende por “invertido”, bem como caracterizar essa substituição. No final do século XIX e início do século XX, houve um amplo movimento de busca por científicidade em relação ao sexo na América Latina, e a inversão sexual tornou-se tema recorrente entre médicos

---

<sup>11</sup> RAMÍREZ, Hernán; FRANCO, Marina. *Ditaduras no Cone Sul da América Latina*. São Paulo: Editora José Olympio, 2021.

<sup>12</sup> SIMITH, Peter. México 1946-1990. In: BETHEL, Leslie. *A América Latina após 1930*, México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.111-194.

<sup>13</sup> Ao longo de todo o artigo eu adoto a expressão “sujeito homossexual” para discutir, sobretudo as formas de significação pejorativa das homossexualidades masculinas.

<sup>14</sup> DRUCKER, Peter. *Warped: gay normality and queer anti-capitalism*. Leiden: Brill, 2015.

de orientação higienista. Na Argentina, Jorge Salessi<sup>15</sup> demonstrou que uma cartografia da sexualidade foi desenvolvida por médicos que buscavam caracterizar a homossexualidade a partir da perspectiva da inversão sexual — segundo a qual os sujeitos nasceriam com um desejo sexual invertido em relação à expectativa naturalizante.

Na Colômbia, esse mesmo discurso foi aplicado à medida que se intensificavam os clamores pela construção de uma identidade nacional. Com uma economia cada vez mais dependente e com centros urbanos como Bogotá, Medellín e Cali em crise, nas décadas de 1920 e 1930, a homossexualidade, entendida como inversão, passou a ser utilizada como bode expiatório, sendo considerada um dos males que ameaçavam a formação dessa identidade nacional<sup>16</sup>.

No Brasil, esse processo também se manifestou por meio da recorrente construção da homossexualidade como um desejo compreendido como antinatural, sendo a metáfora da inversão sexual uma explicação frequentemente mobilizada<sup>17</sup>. É sob o discurso médico-legal e o legado cultural judaico-cristão que, além de reconhecidas como uma perversão social, a inversão sexual e a homossexualidade passam a receber menções indiretas em legislações que podem ser compreendidas como anti-homossexuais.

Embora tenha especificidades, “ao chegar nesses países como uma categoria médica, a homossexualidade inseria-se num modelo de contraposição entre saudáveis e doentes”<sup>18</sup>. As práticas sexuais e as identidades de gênero dissidentes ao sistema sexo-gênero vigente passam,

<sup>15</sup> SALESSI, Jorge. *Médicos, maleantes y maricas*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1995.

<sup>16</sup> MONToya, Guillermo Correa. *La invención clínica del homosexual en Colombia, 1890-1980*. *Revista de Psicología*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 121-146, 2016.

<sup>17</sup> TREVISAN, João Silveira. *Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade*. São Paulo: Objetiva, 2018.

<sup>18</sup> PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Ativismos ao sul: entrelaçando movimentos homossexuais na Argentina (1967-1976), Brasil (1978-1982) e Colômbia (1978-1982)*. 2025. 282 f. Tese (Doutorado em História Global). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. p. 38.

então, a ser incorporadas dentro de um sistema de juízo — como bem nos lembra Gayle Rubin<sup>19</sup> —, tornando as práticas sexuais, a homossexualidade e outras expressões como sexo-negativas. Isto é, na Argentina, no Brasil e na Colômbia, assim como em grande parte da Europa e também nos Estados Unidos, a homossexualidade como contraposição à heterossexualidade passa a ser observada como não só antinatural — a partir das múltiplas teorias, entre elas a inversão sexual —, mas também como um mal social que deveria ser, de algum modo, controlado e expurgado das jovens repúblicas da América Latina.

De modo recorrente, observamos a inversão sexual como uma forma de representação social da homossexualidade durante o século XIX. Entretanto, é preciso deixar evidente que essas duas noções estão interconectadas, mas não são sinônimos<sup>20</sup>. Peter Drucker<sup>21</sup>, ao analisar o processo de formação da homossexualidade e a emergência da homonormatividade, destaca que é possível percebermos

Mesmo depois que os homossexuais surgiram como uma categoria distinta de pessoas, eles eram frequentemente percebidos de uma maneira que os definia como “invertidos” de gênero e de sexualidade, tão semelhantes às pessoas transgênero atuais quanto às lésbicas e aos gays atuais. O regime de relações entre pessoas do mesmo sexo desse período pode, assim, ser caracterizado como de “invertido-dominante”<sup>22</sup>

<sup>19</sup> RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo:Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

<sup>20</sup> Tomar a ideia de que a inversão sexual e a homossexualidade seriam sinônimas nega o caráter cisheteronormativo construído pelo olhar historiográfico ao analisar o passado. Isto não significa que os limites entre a percepção sobre desejo sexual e identidade de gênero possam ser observadas como em nosso atual contexto, mas invisibiliza, por exemplo, observar a existência de pessoas trans no passado (TEDESCO, Caio. *História e transmasculinidades: desafios e possibilidades para uma operação historiográfica que transgrida a cismutatividade*. In: PINTO, Rhanielly; ALVES, Jorge (org.). *Anômalos: diálogos interseccionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 99-127).

<sup>21</sup> DRUCKER, Peter. *Warped: gay normality and queer anti-capitalism*. Leiden: Brill, 2015.

<sup>22</sup> “Even once homosexuals emerged as a distinct category of people, they were often perceived in a way that defined them as gender and sexual ‘inverts’, as much like present-day transgendered people as like present-day lesbians and gays. The same-sex regime of this period can thus be characterised as ‘invert-dominant’” (DRUCKER, Peter. *Warped: gay normality and queer anti-capitalism*. Leiden: Brill, 2015. p. 99. Tradução nossa).

Isso significa entender que o termo "invertido-dominante" se referia à homossexualidade de um modo que hoje separamos em dois conceitos: identidade de gênero e desejo sexual.<sup>23</sup> Desse modo, o estado de vigia e de repressão pautado no higienismo social experimentado na América Latina no final do século XIX e em boa parte do século XX pauta proibições que dizem respeito às questões do desejo sexual e da identidade de gênero, tendo como uma chave explicativa ora a noção da inversão sexual, ora a noção de homossexualidade como práticas sexuais que dão origem a um sujeito específico, como podemos observar na Tabela 1, a seguir:

País	Respaldo Institucional	Encarregado	Data
Argentina	Edictos Policiales "2H"	Polícia Federal Argentina	1932
Colômbia	Artículo 419	Código Penal	1890
Colômbia	Código de 1837	Constituição	1837
Colômbia	Acceso Carnal	Código Penal	1936
Colômbia	Falta Disciplinária	Estatuto Docente	1979
Brasil	Artigos 266, 282, 379, 399	Código Penal	1890
Brasil	Lei de Imprensa	Constituição	1946; 1970
Brasil	Artigo 258	Código Penal [Proposta]	1940

**Tabela 1:** Legislações "anti-homossexuais".

Fonte: Pinto (2025, p. 51).

Esse conjunto de legislações regula, a partir de diferentes abordagens, o regime de visibilidade da homossexualidade nos espaços públicos. Ou seja, demonstram como, historicamente, parte dessas normativas, regulamentações, códigos e leis expressou negociações sobre o que pode ou não estar visível no espaço social e como essa visibilidade é passível de negociação<sup>24</sup>.

Tal construção histórica se distancia, em certa medida, do processo mais evidente ocorrido no Norte Global. Lara Belmonte<sup>25</sup> e Renan Quinalha<sup>26</sup>

<sup>23</sup> BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>24</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes 2014.

<sup>25</sup> BELMONTE, Laura A. *LGBT+ na luta: avanços e retrocessos*. Trad. de Alcebiades Diniz Miguel. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

demonstraram, em seus trabalhos, que nessa região houve um processo direto de criminalização da homossexualidade. Já em nosso contexto, a punição se deu principalmente pelos comportamentos públicos e pelos atos praticados, e não pela simples existência do sujeito homossexual.

Na Argentina, os *Edictos Policiales* proibiam: “a) reuniões privadas de homossexuais; b) estar na via pública acompanhado de menor”<sup>27</sup>. Essa regulamentação integrava uma ação policial que buscava, simultaneamente, regular os espaços público e privado. A aplicação do chamado “2º H” estava diretamente relacionada à associação da homossexualidade a uma condição marginal. Essa marginalidade era instrumentalizada pela lógica higienista, com sua guerra de “limpeza social” contra a delinquência, a prostituição e as sexualidades dissidentes.

A construção da inviabilidade da presença de homossexuais no espaço público ganha uma dimensão adicional quando consideramos o caso brasileiro e o Código Penal de 1890, que proibia os sujeitos de “disfarçar o sexo, tomando trajes impróprios de seu, e trazê-los publicamente para enganar”<sup>28</sup>.

Peter Drucker<sup>29</sup> demonstrou que parte dos avanços propiciados não apenas pelos feminismos, mas também pelos movimentos de dissidência sexual e de gênero, consistiu na ampliação e flexibilização dos padrões performativos de sexualidade e de gênero ao longo do século XX. O que se observa, contudo, na transição do século XIX para as primeiras décadas do século XX, é justamente a configuração exata e monolítica da construção da não presença — a ausência de signos, símbolos, comportamentos e sujeitos que escapavam ao sistema sexo-gênero vigente<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

<sup>27</sup> SOMOS. *Frente de Liberação Homossexual Argentina*, Buenos Aires, n. 1, 1973. p. 12.

<sup>28</sup> BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1890.

<sup>29</sup> DRUCKER, Peter. *Warped: gay normality and queer anti-capitalism*. Leiden: Brill, 2015.

<sup>30</sup> RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo:Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

É nesse ponto que se consolida a caracterização da cisheteronormatividade<sup>31</sup> como um construto da modernidade e da ocidentalização da América Latina<sup>32</sup>. As sexualidades e identidades de gênero dissidentes são interpretadas como inadequadas e vistas como um entrave ao progresso inevitável das novas nações. Consequentemente, “disfarçar o sexo” é concebido menos como uma expressão de identidade — conceito que ainda não se aplicava plenamente ao contexto da época — e mais como uma estratégia delinquente de perversão moral e criminal, atribuída exclusivamente ao sujeito homossexual. Isso se deve, em grande parte, à sustentação de padrões de gênero bem definidos.

É com base nessa lógica de depravação moral que os artigos 266, 282, 379 e 389 foram incorporados ao Código Penal de 1890 no caso brasileiro. A presença da homossexualidade na esfera pública era, então, entendida como uma ofensa à moral e aos bons costumes. Esses discursos foram posteriormente reatualizados nas Leis de Imprensa de 1946 e 1970, e seguem, até os dias atuais, com forte apelo em discursos políticos que evocam os clamores de um passado idealizado<sup>33</sup>.

Na Colômbia, embora inserido em uma lógica semelhante, o processo de regulação adquiriu maior complexidade, ao não apenas tratar dos códigos de conduta desviante, mas também associá-los a uma suposta perversão social mediada pelo ideal da pederastia. Nesse ideal, o homossexual é compreendido como um predador sexual que inicia e promove a sexualização infantil. O Código Penal de 1890 previa, no artigo 419: “a pessoa que abusar de outra do mesmo sexo, e esta pessoa consentir

<sup>31</sup> A ordem cisheteronormativa constrói um aspecto de normalidade e naturalização das práticas e modos de vida de pessoas cis e heterossexuais como aspecto referencial. No campo da história e da historiografia, Caio Tedesco (2024, p. 106) examina que é “a partir desta estruturação hierárquica das relações de gênero que a cisgeneridadde se torna a única performance de gênero considerada humana”.

<sup>32</sup> TEDESCO, Caio. História e transmasculinidades: desafios e possibilidades para uma operação historiográfica que transgrida a cismodidade. In: PINTO, Rhanielly; ALVES, Jorge (org.). *Anômalos: diálogos interseccionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 99-127.

<sup>33</sup> HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2013.

estiver na puberdade, sofrerá a seis anos de prisão”<sup>34</sup>. Havia uma preocupação explícita com o desvio moral da juventude colombiana, sendo o sujeito homossexual representado como aquele que corrompia o futuro da nação — um risco que, portanto, não poderia ser tolerado.

Ainda na Colômbia, Bustamante Tejada<sup>35</sup> argumenta que essa medida representou uma forma de regulação que inaugurou a perspectiva de uma homofobia institucional. Tal tese é corroborada por outras legislações, como o dispositivo referente ao “Acesso Carnal” de 1936 e a “Falta Disciplinar” de 1979. No primeiro caso, aqueles que praticassem “acesso carnal homossexual, seja qual for a idade”, seriam submetidos a uma pena de detenção de seis meses a dois anos. No segundo, qualquer indivíduo identificado como homossexual poderia ser punido “simplesmente pelo fato de ser homossexual e ter um emprego em relação com menores de idade”<sup>36</sup>.

Em ambos os casos, é interessante observar que a política de regulação sexual esteve também associada à compreensão de que o desejo homossexual, em alguma medida, era constituído pela ideia de corrupção de menores. A partir desse eixo, é possível elaborar algumas interpretações. A primeira está relacionada à formação das identidades nacionais: tanto na Argentina quanto no Brasil e na Colômbia, a virada do século XIX para o XX foi marcada por um ideal de modernização.

Nesse contexto, o higienismo e a legislação regulatória passaram a se articular como parte de uma política preventiva voltada à contenção da

<sup>34</sup> COLÔMBIA. Código Penal (1979): Decreto n. 100 de 23 de janeiro de 1980, pelo qual se expede o novo Código Penal. *Diário Oficial*, Bogotá, 23 jan. 1980.

<sup>35</sup> BUSTAMANTE TEJADA, Walter Alonso. *El delito de acceso carnal homosexual en Colombia Entre la homofobia de la medicina psiquiátrica y el orden patriarcal legal*. Co-herencia, [s. l.], v. 5, n. 9, p. 113-141, 2008.

<sup>36</sup> BUSTAMANTE TEJADA, Walter Alonso. *El delito de acceso carnal homosexual en Colombia Entre la homofobia de la medicina psiquiátrica y el orden patriarcal legal*. Co-herencia, [s. l.], v. 5, n. 9, p. 113-141, 2008. p. 521.

degeneração social. Sabine Fruhstuck<sup>37</sup> identificou um processo semelhante ao analisar essa mesma transição secular em países como Alemanha, Estados Unidos, Japão e China. Salvo as peculiaridades de cada contexto, é possível, portanto, inferir uma espécie de correspondência histórica entre essas experiências.

Esse panorama histórico do início do último século chama a atenção para a percepção de que a dimensão das sexualidades desviantes da norma, como a homossexualidade, é historicamente “permeada por conflitos de interesse e manobras políticas, tanto deliberadas quanto incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político”<sup>38</sup>.

Desse modo, a tentativa de regulação da sexualidade não é apenas política, mas também histórica. Se a inversão sexual, enquanto categoria médica, foi utilizada para cartografar e homogeneizar as experiências sexodissidentes em torno da noção de “homossexualismo”, observa-se, a partir da segunda metade do século XX, uma tentativa de ressignificação e esvaziamento dessa própria noção. Tal mudança não pode ser dissociada do papel político desempenhado pelos movimentos homossexuais nesses países.

Embora o cenário regulatório e persecutório ainda esteja presente nos dias atuais — ainda que sob novas roupagens e associado a outros fatores —, é possível afirmar que as décadas de 1960 a 1980 constituem parte fundamental de um levante político. Trata-se de uma operação coletiva que buscou assumir o debate sobre a homossexualidade e realocá-lo tanto em espaços institucionais quanto sociais e subjetivos. Vejamos, então, quais foram as condições de emergência e as políticas de liberação pleiteadas por esses movimentos.

---

<sup>37</sup> FRUHSTUCK, Sabine. Sexuality and Nation-State. In: BUFFINGTON, Robert; LUIBHÉID, Eithne; GUY, Donna. *A global history of sexuality the modern era*. Sussex: Wiley, 2014. p. 15-56.

<sup>38</sup> RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo:Ubu Editora LTDA-ME, 2018. p. 64.

## Homossexuais unidos?

O sexo necessita da vida para criar formas que estejam à altura de sua natureza anárquica e insaciável. O sexo resiste a qualquer tentativa de organizar seu excesso. O sexo desorganiza. O que seria capaz de contê-lo?<sup>39</sup>

Inicio esta seção do texto abordando a radicalidade do sexo e da sexualidade a partir do trabalho em psicanálise de Jamieson Webster<sup>40</sup>. A radicalidade e a potencialidade dessas dimensões humanas não estão dissociadas dos discursos históricos nem dos movimentos de sua apropriação como elementos políticos constitutivos da vida social. As tentativas de controle, conforme sintetizado na seção anterior, revelam parte dessa tensão regulatória.

Nesse sentido, tanto Foucault<sup>41</sup> quanto Rubin<sup>42</sup> nos lembram do caráter histórico da sexualidade. Isso significa que, em alguma medida, “o domínio da vida erótica é com efeito renegociado”<sup>43</sup>. Ao mencionar, no panorama geral, um processo histórico estruturado a partir da ideia de inversão sexual, busquei demonstrar como o desenvolvimento dessa categoria médica foi incorporado à vida social não apenas por meio das políticas higienistas, mas também em sua faceta institucionalizada — isto é, na legislação que se opunha à presença de sexualidades e identidades de gênero dissidentes nos espaços públicos.

A renegociação à qual me refiro nesta seção ocorre em um momento de distensão histórica, marcado por uma nova forma de relação estrutural não apenas com o capitalismo, mas também por uma reinvenção dos

<sup>39</sup> WEBSTER, Jamieson. *Sexo e desorganização*. São Paul: Ubu Editora, 2025. p. 9.

<sup>40</sup> WEBSTER, Jamieson. *Sexo e desorganização*. São Paul: Ubu Editora, 2025.

<sup>41</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020. v. 1.

<sup>42</sup> RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2018

<sup>43</sup> RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2018, p. 62.

elementos culturais. Se, no início do século XX, o movimento histórico de regulação estava centrado nos anseios pela urbanização e pela construção institucional e política de repúblicas que buscavam atingir os ideais de nação e de desenvolvimento social — tendo a juventude como espécie de garantia de sua efetivação —, na segunda metade do século, o processo histórico assume outra dimensão e abordagem.

Assim, a emergência de um novo sentido sobre a homossexualidade se apresenta como resultado de um processo histórico centrado nos efeitos que o próprio discurso de controle sexual deixou escapar. A urbanização e os fluxos migratórios do campo para a cidade, na segunda metade do século XX, criaram as condições necessárias para uma vida mais anonimizada — consequência inesperada dos próprios discursos de regulação sexual<sup>44</sup>.

Na Argentina, um dos primeiros episódios que marcaram o início dessa renegociação pública ocorreu com a reunião de alguns militantes e ex-sindicalistas do Correio Nacional. Entre os ativistas, destacava-se Héctor Anabitarte, que, em 1967, teria articulado um grupo de discussão com “um vendedor de máquinas de escrever que tinha esposa e filhos e um jovem vendedor de seguros”<sup>45</sup>. Naquele momento, surgia o primeiro grupo homossexual organizado do país: o *Nuestro Mundo*.

A criação do grupo deu-se em um contexto de crise política, durante a chamada “Revolução Argentina”, ditadura instaurada pela Junta Militar entre 1966 e 1969. Nesse cenário, o grupo emergia após uma grave crise econômica e diante da ampliação de uma rede repressiva que atingia grevistas da indústria, universitários e, sobretudo, a juventude argentina<sup>46</sup>. A partir da publicação do boletim *Nuestro Mundo*, o grupo buscava dialogar

---

<sup>44</sup> DRUCKER, Peter. *Warped: gay normality and queer anti-capitalism*. Leiden: Brill, 2015.

<sup>45</sup> SIMONETTO, Patricio. *Entre la injuria y la revolución: el Frente de Liberación Homosexual – Argentina 1967-1976*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017. p. 25.

<sup>46</sup> YANKELEVICH, Pablo. *Historia mínima de Argentina*. Mexico: El Colegio de Mexico, 2014.

com esses setores marginalizados que se colocavam em oposição ao regime.

Anos mais tarde, no Brasil, um processo semelhante surgiu com o desgaste crescente — e cada vez mais público — da ditadura civil-militar, impulsionado pela escalada da violência repressiva e pela insatisfação generalizada com o chamado “milagre econômico”<sup>47</sup>. Em 1978, com poucos meses de diferença, surgiram o periódico *Lampião da Esquina* (1978–1981), publicado em São Paulo e no Rio de Janeiro, e o Grupo de Afirmiação Homossexual Somos, de São Paulo (1978–1983).

O periódico brasileiro nasceu com a intenção de ressignificar a homossexualidade, mas também foi fruto de um processo de amadurecimento das sociabilidades homossexuais no país, que, na década de 1960, havia experimentado a breve trajetória da Associação Brasileira da Imprensa Gay — uma iniciativa que buscava fortalecer colunas sociais e pequenos periódicos produzidos por diversos grupos homófilos<sup>48</sup>. O interesse do conjunto de colaboradores e idealizadores de *Lampião* era o de “sair do gueto” e demonstrar que a construção histórica da homossexualidade não se sustentava<sup>49</sup>.

Já na Colômbia, o processo histórico apresenta especificidades próprias. Entre 1957 e 1974, houve um sistema de alternância política entre conservadores e liberais, por meio da autodenominada Frente Nacional. Nesse mesmo período, ocorreu um processo lento de industrialização, acompanhado por uma gradativa redução da violência política no país<sup>50</sup>. Esse contexto possibilitou que, em 1977, León Zuleta fundasse, junto a outros

---

<sup>47</sup> PAULO NETTO, José. *Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 2014.

<sup>48</sup> RODRIGUES, Jorge Caê. Impressões de identidade: os caminhos da imprensa gay nacional. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp, 2010. p. 403-412.

<sup>49</sup> SAINDO do gueto. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 0, p. 2, 1978.

<sup>50</sup> MELO, Jorge Orlando. *Historia mínima de Colombia*. México: El Colegio de México AC, 2017.

militantes, o *Grupo de Estudio por la Liberación de los Gueis* (GELG), em Bogotá.

Esses grupos pioneiros contribuíram para o surgimento de outras organizações. Na Argentina, a partir de 1971, foi criada a *Frente de Liberación Homosexual*, que congregava agrupamentos políticos com diferentes abordagens sobre o que seria a “liberação homossexual”. Entre os coletivos participantes, destacam-se: *Alborada*, *Bandera Negra*, *Católicos Homosexuales de la Argentina*, *Eros*, *Grupo Nuestro Mundo*, *Parque, Profesionales, Safo e Triângulo Rosa*<sup>51</sup>.

Paralelamente, a partir dessa experiência federativa, emergiu na Colômbia, em 1978, o *Movimiento Homosexual Colombiano*, impulsionado pela criação do *Grupo de Estudio de la Cuestión Homosexual* (GRECO), na cidade de Medellín. Esse movimento ficou responsável pela edição dos periódicos *El Otro* (1978) e *Ventana Gay* (1978–1981).

A adoção desse formato coletivo respondia à necessidade de união de forças, uma vez que tais grupos eram pequenos e, juntos, elaboraram propostas de atuação política que buscavam construir uma espécie de unidade interpretativa sobre a homossexualidade e os caminhos possíveis para que a liberação — e, consequentemente, a ressignificação — ocorresse em seus respectivos contextos nacionais<sup>52</sup>.

Já no Brasil, o processo ganhou grande capilaridade. No ano de 1978, houve a formação de um jornal de mídia alternativa, no contexto da ditadura civil-militar, que seria parte fundamental do Movimento Homossexual Brasileiro, o *Lampião da Esquina* (1978-1981), tendo como um de seus fundadores João Silvério Trevisan, o mesmo pioneiro do primeiro

<sup>51</sup> SIMONETTO, Patricio. *Entre la injuria y la revolución: el Frente de Liberación Homosexual – Argentina 1967-1976*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.

<sup>52</sup> INSAUSTI, Santiago Joaquín. *De maricas, travestis y gays: derivas identitarias en Buenos Aires (1966-1989)*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2016; ROMERO, Felipe Cesar Camilo. *Historia del movimiento homosexual de Colombia*. 2018. Dissertação (Mestrado em História). Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes, Bogotá, 2018.

grupo organizado de homossexuais brasileiro, o Grupo Somos (SP)<sup>53</sup>. Em 1979, durante o I Encontro de Militantes Homossexuais, estiveram presentes grupos como: Somos do Rio de Janeiro, Auê do Rio de Janeiro, Somos de São Paulo, Eros de São Paulo, o Grupo Lésbico-Feminista de São Paulo, Libertos de Guarulhos, o Grupo de Atuação de Afirmiação Gay de Caxias, Somos de Sorocaba e Beijo Livre de Brasília. Esse eixo sudestino seria posteriormente ampliado com o surgimento de novos coletivos, formando aquilo que podemos denominar como Movimento Homossexual Brasileiro.

EVENTO	PARTICIPANTES	GRUPOS	DESCRIÇÃO DE GRUPOS	DATA/UF
I Encontro de Homossexuais Militantes	50 homossexuais e 11 lésbicas	9	Somos/RJ, Auê/RJ, Somos/SP, Eros/SP, Grupo Lésbico-Feminista/SP, Libertos/Guarulhos, Grupo de Afirmiação Gay/Caxias, Somos/Sorocaba, Beijo Livre/Brasília	16 dez. 1979 RJ
I Encontro Brasileiro de Homossexuais	200 (seções ordinárias) e 800 (festividades)	8	Somos/SP, Somos/Sorocaba, Libertos/Guarulhos, Lésbico-Feminista/SP, Eros/SP, Somos e Auê/RJ e Beijo Livre de Brasília	06 abr. 1980 SP
II Encontro Brasileiro de Homossexuais (Prévia)	-	15	Somos, Outra Coisa, Eros, Convergência Socialista, GALF, Terra Maria, Alegria-Alegria, Grupo Opção à Liberdade Sexual de Santo André; do Nordeste, os recém-fundados Grupo Gay da Bahia e o GATHO (Grupo de atuação homossexual de Recife/Olinda); além do Beijo Livre de Brasília e Terceiro Ato de Belo Horizonte	06 dez. 1980 SP
I Encontro de Grupos Homossexuais do Nordeste	60 participantes	5	GATHO/Olinda, Nós Também de João Pessoa, Dialogay de Sergipe, GGB e Adé-Dudu de Salvador	19 a 21 abr. 1981 PE
I Encontro Paulista de Grupos Homossexuais	-	4	Somos, Grupo de Atuação Lésbico-Feminista (GALF), Coletivo Alegria-Alegria e o Grupo de Afirmiação Homossexual (Outra Coisa)	25 a 26 abr. 1981 SP
II Encontro Brasileiro	40 participantes	5	Dialogay, Gatho, GLH/GGB/Adé-Dudu (Salvador)	13 a 15 jan. 1984

<sup>53</sup> PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Ativismos ao sul: entrelaçando movimentos homossexuais na Argentina (1967-1976), Brasil (1978-1982) e Colômbia (1978-1982)*. 2025. 282 f. Tese (Doutorado em História Global). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

de Homossexuais				BA
--------------------	--	--	--	----

**Quadro 1:** Grupos homossexuais entre 1979 e 1984

Fonte: Adaptado de Pinto (2025)

O Quadro 1 nos permite refletir sobre a pluralidade de atores políticos no contexto brasileiro. Nos primeiros anos, observou-se uma expansão significativa de grupos, seguida por um movimento de diminuição e uma realocação das discussões, que anteriormente se concentravam em torno do Somos paulista e passaram a ser protagonizadas por coletivos do Nordeste, especialmente pelo *Grupo Gay da Bahia*, que assumiu um papel de destaque<sup>54</sup>.

A multiplicidade de grupos impediu a consolidação de uma unidade política em relação às propostas de atuação no país. Isso significa dizer que, mesmo a partir dessa pluralidade, não foi possível pensar em uma organização federativa aos moldes do que ocorreu na Argentina e na Colômbia. As convergências liberacionistas foram constantemente tensionadas nos encontros nacionais, nos quais se debatiam pautas e eixos comuns de interesse — debates que, contudo, nem sempre refletiam as práticas políticas cotidianas de todos os coletivos envolvidos.

Essas diferenças tornaram-se particularmente evidentes na arena política durante o processo de redemocratização. A partir de 1978, diferentes atores sociais iniciaram mobilizações importantes com o objetivo de retomar as eleições democráticas e garantir maior liberdade organizativa, o que favoreceu o surgimento de novos partidos políticos. É nesse contexto contestatório que alguns dos grupos homossexuais passaram a discutir e tensionar suas posições estratégicas e ideológicas.

---

<sup>54</sup> FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005; PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Ativismos ao sul: entrelaçando movimentos homossexuais na Argentina (1967-1976), Brasil (1978-1982) e Colômbia (1978-1982)*. 2025. 282 f. Tese (Doutorado em História Global). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

A partir do I Encontro Brasileiro de Homossexuais Organizados – 1º EBHO – tiveram início inúmeras e intensas discussões sobre os possíveis caminhos que o movimento homossexual poderia seguir, e quais as posições a tomar. Esses questionamentos intensificaram-se aguçando contradições e provocando um posicionamento de todos os que lutam por uma sexualidade libertária, fora dos esquemas de poder, tão corriqueiros em nossa época.

Desse posicionamento, em 08/06/80, surgiu o Movimento Homossexual Autônomo – M.H.A.<sup>55</sup>

Esse trecho faz parte da introdução do *Caderno de Textos do Movimento Homossexual Autônomo*. No contexto historiográfico brasileiro, James Naylor Green<sup>56</sup> chegou a mencionar parte de sua atuação nesse debate, já que era membro ativo do Grupo Somos de São Paulo e um dos fundadores da Facção Homossexual da Convergência Socialista. João Silvério Trevisan<sup>57</sup>, um dos fundadores do grupo *Outra Coisa*, também discutiu, em diferentes momentos, sua percepção desse processo.

Ambos os intelectuais integravam o Grupo Somos, no qual o debate sobre o partidarismo político ganhou grande proporção, provocando uma espécie de cisão entre os militantes. Edward MacRae defende, em sua etnografia sobre o grupo, que, embora os dois não estivessem sozinhos na liderança, “foram os principais expoentes de duas concepções antagônicas que conseguiram muito apoio dentro do grupo, onde se digladiaram durante vários meses”<sup>58</sup>.

Essa mesma aproximação com a esquerda provocou, na Argentina, uma mudança na estratégia política da *Frente de Liberación Homosexual*. Após uma tentativa malsucedida de aproximação com o peronismo de esquerda — impulsionada pelo retorno de Perón ao país —, os militantes da

---

<sup>55</sup> MOVIMENTO. CADERNO DE TEXTOS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL AUTÔNOMO. M.São Paulo, 1980. p. 2.

<sup>56</sup> GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 1999.

<sup>57</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia a stualidade*. São Paulo: Max Limonad Ed., 1986.

<sup>58</sup> MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: Edufba, 2018. p. 186.

Frente adotaram uma nova postura de enfrentamento. A tentativa de aliança política foi implodida com a emergência de uma identidade política marcada pelo uso das categorias “loca” e “marica” como atos disruptivos aos padrões de gênero<sup>59</sup>.

Essa modificação é perceptível nos oito números publicados de *Somos*, o periódico argentino da Frente, editado entre 1973 e 1976 — cujo nome, anos depois, inspiraria o primeiro grupo de atuação política homossexual no Brasil. No manifesto editorial da primeira edição, publicada em 1973, os ativistas expressavam uma perspectiva radical, afirmando que sua condição de marginalidade era resultado de uma imposição: “para viver em nossa dada sociedade (se é que pode ser chamada de viva), um de nós deve se adaptar às normas ditadas por alguns para benefício próprio”<sup>60</sup>.

Esse trecho dista significativamente do discurso político presente anos antes em *Nuestro Mundo*, quando os militantes argentinos afirmaram que “esta publicação não pretende difundir a homossexualidade”<sup>61</sup>. Nesse sentido, observa-se uma diferença marcante em relação ao contexto brasileiro, onde a desilusão com a esquerda não resultou em uma cisão, mas, ao contrário, fortaleceu a formação de uma unidade política que deu origem à *Frente de Liberación Homosexual* (FLH).

No Brasil, essa aproximação com a esquerda parece ter contribuído para o esvaziamento da atuação de grupos homossexuais no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, especialmente após o fim do jornal *Lampião da Esquina*, em 1981. Embora os textos clássicos *Além do Carnaval*<sup>62</sup>, de James Green, e

<sup>59</sup> INSAUSTI, Santiago Joaquín. *De maricas, travestis y gays: derivas identitarias en Buenos Aires (1966-1989)*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2016; PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Movimentos homossexuais e a constituição de identidades masculinas homonormativas nos trópicos: um estudo sobre o jornal Somos (1973-1976) e do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. 2021.

<sup>60</sup> SOMOS. *Frente de Liberación Homosexual Argentina*, Buenos Aires, n. 1, 1973. p. 3.

<sup>61</sup> NUESTRO MUNDO. Buenos Aires: [s. n.], n. 4, dez. 1969. p. 1.

<sup>62</sup> GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 1999.

Devassos no Paraíso<sup>63</sup>, de João Silvério Trevisan, tenham interpretado esse momento como o fim de uma primeira onda do movimento homossexual, é perceptível, hoje, que parte dessa leitura reflete os saldos políticos da auto-observação de suas atuações no Grupo Somos.

No fim das contas, o que se pode constatar não é um esvaziamento, mas sim uma modificação nas formas de construção da agenda política e dos modos de ativismo do movimento homossexual, cuja atuação, ao longo das décadas de 1980 e 1990, passou a ser pautada pela institucionalização, pelo contexto da epidemia de HIV/aids e pela luta pela implementação legal da não discriminação contra homossexuais e lésbicas — impulsionada, em especial, por grupos como o Triângulo Rosa e o Grupo Gay da Bahia.

Embora o interesse pela participação política tenha sido um elemento marcante tanto no contexto argentino quanto no brasileiro, o mesmo não se pode afirmar sobre a Colômbia. O Movimento Homossexual Colombiano — seja por meio dos periódicos *El Otro* ou *Ventana Gay* — parece não ter demonstrado interesse direto pelos acontecimentos políticos nacionais.

O debate sobre essa aproximação com as esquerdas, no contexto colombiano, continua em aberto pela historiografia que investiga o movimento. Um dos motivos que podem ser mobilizados como uma resposta a esse desinteresse pode ter sido o abandono de Leon Zuleta, principal articulador de *El Otro*, de suas relações com o Partido Comunista Colombiano<sup>64</sup>. Já o segundo pode estar relacionado a “uma questão estratégica de interesse político, já que, mesmo após o surgimento de

---

<sup>63</sup> TREVISAN, João Silveira. *Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade*. São Paulo: Objetiva, 2018.

<sup>64</sup> ROMERO, Felipe Cesar Camilo Caro; PATRICIO, Simonetto. *Sexualidades radicales: los movimientos de liberación homosexual en América Latina (1967-1989)*. Izquierdas, [s. l.], n. 46, p. 65-85, 2019.

Ventana Gay, as questões que envolviam a esquerda política e o próprio contexto estrutural" não estiveram presentes nas páginas do periódico<sup>65</sup>.

O término frustrado da *Frente Nacional*, na Colômbia, abriu precedentes para a emergência de uma nova onda de violência política, respaldada pela ascensão crescente das guerrilhas no cenário colombiano. Nesse contexto, o presidente Julio César Turbay Ayala (1978–1982) aproximou-se da política repressiva adotada nos países do Cone Sul. Com o objetivo de incorporar o anticomunismo como estratégia de combate ao M-19 (1974–1990), às Forças Amadas Revolucionárias da Colômbia —FARC (1964 – presente) — e ao Exército de Libertação Nacional — ELN (1964 – presente) —, Turbay adotou a “urgência da cooperação internacional contra a subversão interna por ‘mercenários supranacionais’ — uma ofensiva ‘sem restrições’, anunciada pelo ministro da Guerra”<sup>66</sup>.

Essa movimentação política consolidou a aproximação do país à política de Segurança Nacional. Ao mesmo tempo, na Argentina, a escalada autoritária que levou ao golpe militar de 1976 também esteve associada a essa política, que tornou o cenário de sobrevivência da Frente de Libertação Homossexual Argentina inviável no mesmo ano, tendo parte de seus ativistas fugido para outros países da América Latina e Europa<sup>67</sup>.

---

<sup>65</sup> PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Ativismos ao sul: entrelaçando movimentos homossexuais na Argentina (1967-1976), Brasil (1978-1982) e Colômbia (1978-1982)*. 2025. 282 f. Tese (Doutorado em História Global). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. p. 182.

<sup>66</sup> ABEL, Christopher; PALACIOS, Marcos. Colômbia, 1930-1958 in: BETHELL, Leslie (org.): *A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas*. São Paulo: Edusp, v. 9, 2015, p.507.

<sup>67</sup> INSAUSTI, Santiago Joaquín. *De maricas, travestis y gays: derivas identitarias en Buenos Aires (1966-1989)*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2016; PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Movimentos homossexuais e a constituição de identidades masculinas homonormativas nos trópicos: um estudo sobre o jornal Somos (1973-1976) e do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. 2021; SIMONETTO, Patrício. *Entre la injuria y la revolución: el Frente de Liberación Homosexual – Argentina 1967-1976*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.

A associação da homossexualidade com o comunismo levou os militantes homossexuais a serem enquadrados como criminosos políticos, tornando-se alvos de uma dinâmica persecutória liderada pela organização paramilitar *Triple A* (Aliança Anticomunista Argentina)<sup>68</sup>.

A discussão sobre a homossexualidade ser uma estratégia comunista já vinha sendo debatida nos Estados Unidos desde os anos 1960 com o período do macarthismo, momento em que houve uma primeira escalada anticomunista. Nesse ponto, Benjamin Cowan<sup>69</sup> deixou evidente que não só a relação entre comunismo e homossexualidade fora utilizada no contexto estadunidense, como também estendeu-se para outras regiões da América Latina, tais como Brasil e Argentina, sob o contexto das ditaduras militares.

O debate público provocado pelo panfleto publicado em 1976 levou os militantes a responderem à provocação política por meio do periódico *Somos*. Ainda naquele mesmo ano, a *Frente de Liberación Homosexual* se dissolveu diante da emergência de uma nova ditadura no país e do autoexílio de parte de seus integrantes<sup>70</sup>.

Já na Colômbia, esse primeiro momento do ativismo homossexual foi interrompido não pela intensificação da violência política, mas pela chegada da epidemia do HIV e pela disseminação da aids no país. Ao longo dos anos 1980, esse cenário forçou uma mudança de perspectiva,

---

<sup>68</sup> INSAUSTI, Santiago Joaquín. *De maricas, travestis y gays: derivas identitarias en Buenos Aires (1966-1989)*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2016; PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Movimentos homossexuais e a constituição de identidades masculinas homonormativas nos trópicos: um estudo sobre o jornal Somos (1973-1976) e do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. 2021; SIMONETTO, Patrício. *Entre la injuria y la revolución: el Frente de Liberación Homosexual – Argentina 1967-1976*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.

<sup>69</sup> COWAN, Benjamin A. *Securing sex: morality and repression in the making of cold war Brazil*. [S. l.]: UNC Press Books, 2016.

<sup>70</sup> PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Movimentos homossexuais e a constituição de identidades masculinas homonormativas nos trópicos: um estudo sobre o jornal Somos (1973-1976) e do jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. 2021.

impulsionando o surgimento de novas organizações, especialmente nas regiões de Cali e das Barranquillas<sup>71</sup>.

### **Considerações Finais**

Este artigo buscou demonstrar que a formação dos movimentos homossexuais na Argentina, no Brasil e na Colômbia não pode ser entendida apenas como somatório de experiências nacionais, mas como produto de uma interação constante entre três eixos que, a meu ver, se entrelaçam de modo decisivo.

Em primeiro lugar, a matriz pericial jurídica vinculada ao higienismo, à modernização e às ideias de nação instituiu gramáticas de classificação e controle que, até pelo menos os anos 1970, moldaram as fronteiras morais e a legibilidade pública das dissidências. Já em segundo, as clivagens políticas e organizativas associadas ao desencanto com a esquerda e às diferentes oportunidades políticas redefiniram redes, alianças e estratégias, resultando em trajetórias de cisão, coesão ou baixa incorporação.

Por fim, a crítica à família, atravessada pelas relações com os feminismos, reconfigurou repertórios e coalizões, operando como eixo privilegiado de disputa da ordem doméstica e de seus regimes de respeitabilidade.

Ao percorrer esses eixos de forma comparada e conectada, procuro sustentar que as convergências observadas — a medicalização e a criminalização, a linguagem dos direitos e da visibilidade, a circulação de ideias e ativistas — não autorizam leituras uniformizadoras. Elas emergem de processos de difusão e tradução, sempre mediados por instituições, moralidades e temporalidades específicas.

Do mesmo modo, as divergências que marcam os casos — cisões no Brasil, fortalecimento organizativo na Argentina e menor incorporação

---

<sup>71</sup> ROMERO, Felipe Cesar Camilo. *Historia del movimiento homosexual de Colombia*. 2018. Dissertação (Mestrado em História). Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes, Bogotá, 2018.

partidária na Colômbia — não derivam de excepcionalismos, mas de modos situados de metabolizar oportunidades políticas, densidades periciais e gramáticas morais. Nesse sentido, a circulação transnacional foi real e substantiva, mas seus efeitos não foram lineares: dependeram de quem mediou, de que repertórios circularam e de como foram traduzidos.

A explicação que proponho é de alcance médio e articula três mecanismos. O mecanismo pericial jurídico mostra como saberes e dispositivos legais produziram categorias e fronteiras, convertendo-se, em momentos de abertura, tanto em alvo quanto em recurso para a ação coletiva. O mecanismo político-organizativo evidencia que o lugar da esquerda e dos partidos/sindicatos nos ciclos de mobilização modulou coesões e rupturas, afetando custos e recompensas da visibilidade.

Já no eixo moral, indica que a crítica à família, quando apoiada em feminismos locais e atravessada por densidades religiosas específicas, reorganizou alianças e estratégias, ora expandindo, ora restringindo horizontes de ação. Nessa chave, a História Global entra menos como rótulo e mais como método: combinar comparação estruturada e história conectada para explicar quando semelhanças se consolidam e por que diferenças persistem. O processo de ressignificação da homossexualidade é global nesses contextos e se dá de modo distinto no espaço local.

Creio que a contribuição principal deste trabalho é oferecer uma leitura integrada da história dos movimentos homossexuais na região, que evita tanto a tentação da “grande convergência” quanto o refúgio do excepcionalismo. Ao ancorar a análise em mecanismos identificáveis e em evidências trianguladas, proponho uma via para compreender como regimes periciais, oportunidades políticas e disputas morais se combinaram, em cada caso, para produzir caminhos compartilhados e, ao mesmo tempo, desiguais. Reconheço limites — sobretudo assimetrias documentais, mais agudas para a Colômbia e, em certos períodos, para a Argentina — e

procuro mitigá-los por meio de triangulação, alinhamento cronológico e explicitação de incertezas.

Como desdobramento, sugiro ampliar os circuitos documentais conectados (imprensa militante transnacional, redes de exílio e acervos pessoais) e testar o modelo em casos fronteiriços e em ciclos posteriores (institucionalização e respostas ao HIV/aids), com atenção especial ao papel de mediadores e organizações regionais.

Em síntese, a história global que proponho indica que semelhanças não são sinônimo de uniformidade e que diferenças não equivalem a excepcionalismo: ambas resultam de processos situados de tradução sob a copresença de oportunidades políticas e disputas morais em torno da família. É por isso que Argentina, Brasil e Colômbia, tantas vezes, caminharam juntos — e, não raro, caminharam de modo diferente.

## Referências

- ABEL, Christopher; PALACIOS, Marcos. Colômbia, 1930-1958 in: BETHELL, Leslie (org.): *A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas*. São Paulo: Edusp, v. 9, 2015.
- BELMONTE, Laura A. *LGBT+ na luta: avanços e retrocessos*. Trad. de Alcebiades Diniz Miguel. São Paulo: Editora Contexto, 2024.
- BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1890.
- BUSTAMANTE TEJADA, Walter Alonso. El delito de acceso carnal homosexual en Colombia Entre la homofobia de la medicina psiquiátrica y el orden patriarcal legal. *Co-herencia*, [s. l.], v. 5, n. 9, p. 113-141, 2008.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- CANABARRO, Ronald. *Dar a ver uma historiografia pública digital*. 2024. 456 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2024.

CONRAD, Sebastian. *Historia global. Una nueva visión para el mundo actual.* Barcelona: Crítica-Planeta, 2017.

COLÔMBIA. Código Penal (1979): Decreto n. 100 de 23 de janeiro de 1980, pelo qual se expede o novo Código Penal. *Diário Oficial*, Bogotá, 23 jan. 1980

COWAN, Benjamin A. *Securing sex: morality and repression in the making of cold war Brazil.* [S. l.]: UNC Press Books, 2016.

DRUCKER, Peter (ed.). *Arco iris diferentes.* Argentina: Siglo XXI, 2004.

DRUCKER, Peter. *Warped: gay normality and queer anti-capitalism.* Leiden: Brill, 2015.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.* Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FIGARI, Carlos. *El movimiento LGBT en América Latina: institucionalizaciones oblicuas. Movilizaciones, protestas e identidades políticas en la Argentina del bicentenario,* [s. l.], v. 227, p. 225-240, 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* Petrópolis: Vozes 2014.

FREITAS, Eliane; PINTO, Rhanielly; ZANOLI, Vinícius. *Cultura, política, sexualidade e gênero na América Latina.* Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

FRUHSTUCK, Sabine. *Sexuality and Nation-State.* In: BUFFINGTON, Robert; LUIBHÉID, Eithne; GUY, Donna. *A global history of sexuality the modern era.* Sussex: Wiley, 2014. p. 15-56.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.* São Paulo: Unesp, 1999.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história.* Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2013.

INSAUSTI, Santiago Joaquín. *De maricas, travestis y gays: derivas identitarias en Buenos Aires (1966-1989).* 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2016.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: Edufba, 2018.

MELO, Jorge Orlando. *Historia mínima de Colombia*. [S. l.]: El Colegio de México AC, 2017.

MONTOYA, Guillermo Correa. La invención clínica del homosexual en Colombia, 1890-1980. *Revista de Psicología*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 121-146, 2016.

MOVIMENTO. CADERNO DE TEXTOS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL AUTÔNOMO. M. São Paulo, 1980.

NUESTRO MUNDO. Buenos Aires: [s. n.], n. 4, dez. 1969.

PAULO NETTO, José. *Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 2014.

PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. *Ativismos ao sul: entrelaçando movimentos homossexuais na Argentina (1967-1976), Brasil (1978-1982) e Colômbia (1978-1982)*. 2025. 282 f. Tese (Doutorado em História Global). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

PINTO, Rhanielly. Movimentos homossexuais e a constituição de identidades masculinas homonormativas nos trópicos: um estudo sobre o jornal Somos (1973-1976) e do jornal Lampião da Esquina (1978-1981). 2021. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

PINTO, Rhanielly. Retomando as utopias: quando a História Global encontra o queermarxismo. In: PINTO, Rhanielly; ALVES, Jorge (org.). *Anômalos: diálogos interseccionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 219-234.

QUINALHA, Renan. *Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RAMÍREZ, Hernán; FRANCO, Marina. *Ditaduras no Cone Sul da América Latina*. São Paulo: Editora José Olympio, 2021.

RODRIGUES, Jorge Caê. Impressões de identidade: os caminhos da imprensa gay nacional. In: COSTA, Horácio et al. *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp, 2010. p. 403-412.

ROMERO, Felipe Cesar Camilo. *Historia del movimiento homosexual de Colombia*. 2018. Dissertação (Mestrado em História). Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes, Bogotá, 2018.

ROMERO, Felipe Cesar Camilo Caro; PATRICIO, Simonetto. Sexualidades radicales: los movimientos de liberación homosexual en América Latina (1967-1989). *Izquierdas*, [s. l.], n. 46, p. 65-85, 2019.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo:Ubu Editora LTDA-ME, 2018

SAINDO do gueto. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 0, p. 2, 1978.

SALESSI, Jorge. *Médicos, maleantes y maricas*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1995.

SANTOS et al. Conservadorismo nas ditaduras: abordagens com história global para Brasil e Portugal (1964-1975). *História Social*, v. 19, n. 27/28, p. 580-614, 2024.

SIMITH, Peter. México 1946-1990. In: BETHEL, Leslie. *A América Latina após 1930, México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p.111-194.

SIMONETTO, Patricio. *Entre la injuria y la revolución: el Frente de Liberación Homosexual – Argentina 1967-1976*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.

SOMOS. *Frente de Liberação Homossexual Argentina*, Buenos Aires, n. 1, 1973.

TEDESCO, Caio. História e transmasculinidades: desafios e possibilidades para uma operação historiográfica que transgrida a cismatividade. In: PINTO, Rhanielly; ALVES, Jorge (org.). *Anômalos: diálogos interseccionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 99-127.

TREVISAN, João Silveira. *Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade*. São Paulo: Objetiva, 2018.

TREVISAN, João Silveira. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia a atualidade*. São Paulo: Max Limonad Ed., 1986.

TRINDADE, Ronaldo. A invenção do ativismo LGBT no Brasil: intercâmbios e ressignificações. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018. p. 227 -236.

WEBSTER, Jamieson. *Sexo e desorganização*. São Paul: Ubu Editora, 2025.

WIESNER-HANKS, Merry E. Crossing borders in transnational gender history. *Journal of Global History*, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 357-379, 2011.

YANKELEVICH, Pablo. *Historia mínima de Argentina*. Mexico: El Colegio de Mexico, 2014.